

**A Campanha “De pé no chão também se aprende a ler” e a promoção da educação pela  
Cultura Popular**

**The campaign “De pé no chão também se aprende a ler” and the promotion of the  
education through the Popular Culture**

**Aliny Dayany Pereira de Medeiros Pranto**

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

E-mail: alinydayany@gmail.com

Recebido: 26/06/2017 – Aceito: 30/07/2017

**Resumo**

O objetivo deste trabalho é apresentar as diversas estratégias de promoção da educação pela cultura popular a partir das atividades da Campanha “De pé no chão também se aprende a ler”. Para alcançar o referido objetivo, realizamos revisão bibliográfica considerando autores clássicos na discussão do tema, como José Willington Germano, Moacyr de Góes e Djalma Maranhão; teses e dissertações; outras fontes escritas, como jornais, e depoimentos de pessoas que vivenciaram as atividades da Campanha, como ex-alunos e professores. Após analisadas em separado, as fontes foram cruzadas, seguindo as orientações de Paul Thompson, e nos permitiram tecer algumas considerações iniciais sobre a Campanha. Percebemos que existiram estratégias diversas para a promoção da educação através da cultura popular, que foram desde a construção de praças, teatrinhos e bibliotecas, até o desenvolvimento dos círculos de cultura, espaços estes destinados a alfabetização crítica, a partir do Sistema Paulo Freire. Consideramos, então, que a Campanha não se constituiu de forma homogênea, do contrário, ela atuou de modo diversificado, com vistas a alcançar o objetivo da disseminação da educação através da Cultura Popular.

**Palavras-chave:** História da Educação, Educação Popular, círculos de cultura.

**Abstract**

The objective of this article is to present the different strategies of promotion of education by popular culture from the activities of the Campaign "De pé no chão também se aprende a ler". In order to reach this goal, we carried out a literature review considering classical authors in the discussion of the theme, such as José Willington Germano, Moacyr de Góes and Djalma Maranhão; Theses and dissertations; Other written sources, such as newspapers, and testimonials from people who have experienced the activities of the Campaign, such as

alumni and teachers. After analyzed separately, the sources were crossed, following the guidelines of Paul Thompson, and allowed us to make some initial considerations about the Campaign. We realized that there were diverse strategies for the promotion of education through popular culture, ranging from the construction of squares, theaters and libraries, to the development of cultural circles, spaces for critical literacy, based on the Paulo Freire System. We consider, then, that the Campaign was not constituted in a homogeneous way, otherwise, it acted in a diversified way, with a view to achieving the goal of the dissemination of education through Popular Culture.

**Keywords:** History of Education, Popular Education, circles of culture.

## **1. Introdução**

Na década de 1960, a cidade do Natal, inserida no cenário nacional de altos índices de analfabetismo e pouca participação popular nas eleições (SOARES; GALVÃO, 2011), amargava altas taxas de exclusão escolar, com uma população pobre e sem acesso mínimo à educação formal. Nesse contexto, a cidade teve suas primeiras eleições para prefeito em 1960 e delas saiu vitorioso Djalma Maranhão (que já havia sido prefeito anteriormente), após uma campanha que foi marcada pelo apoio popular e por sua aproximação com o, também eleito governador, Aluizio Alves, conforme ressaltou Germano (1982) em seu trabalho pioneiro sobre a Campanha “De pé no chão também se aprende a ler”.

Tal resultado levaria a cidade do Natal a vivenciar a experiência de um governo voltado às demandas populares e que buscava erradicar o analfabetismo. Mas como isso seria viável? Que estratégias poderiam garantir o sucesso de uma iniciativa educacional naquele cenário? O objetivo deste trabalho é apresentar as diversas estratégias de promoção da educação pela cultura popular a partir das atividades da Campanha “De pé no chão também se aprende a ler”.

Para compreender como isso ocorreu, retomamos o período anterior à Campanha, pois esta surgiu dos debates ocorridos, antes e após o pleito, com os chamados Comitês Nacionalistas, ou Comitês de bairros, que eram grupos formados nos bairros periféricos da cidade a fim de discutir seus principais problemas sociais, conforme destaca em sua obra Moacyr de Góes (2010). Nestes Comitês, foram listadas várias prioridades e entregues ao então candidato Djalma Maranhão. Dentre todas, a que estava no topo da lista era a educação.

A essa altura, Natal contava com apenas dez escolas estaduais<sup>1</sup>, que somavam pouco mais de quinhentas vagas. Além dessas escolas, havia as escolinhas, que foram frutos de uma iniciativa do mandato anterior de Djalma Maranhão, e que eram constituídas por salas isoladas em propriedades privadas cedidas, que nem de longe alcançavam as reais necessidades educacionais da cidade. Em meio a este cenário, foram pensadas e executadas estratégias que possibilitaram desenvolver uma proposta de educação a partir da cultura popular.

## **2. Referencial teórico**

Aos nos propormos a discutir de que forma a cultura popular foi utilizada para promover a educação durante a Campanha “De pé no chão também se aprende a ler”, nos deparamos com a necessidade de apresentar alguns conceitos fundamentais à esta pesquisa, são eles: História, Memória, Educação, Educação popular, Relações dialógicas, Cultura e Cultura Popular.

Trabalhamos no campo da História da Educação partindo da concepção de História enquanto área do conhecimento científico, mesmo reconhecendo seu caráter inexato, que trabalha com as ações “dos homens no tempo” (BLOCH, 2001, p. 20). Além disso, valorizamos, nessa perspectiva a visão do sujeito histórico enquanto autor, destacando a sua possibilidade de interferir e transformar a realidade em que está inserido, sem perder de vista que ele o faz, mas “[...] não a fazem sob circunstâncias de sua escolha e sim sob aquelas com que se defrontam diretamente, legadas e transmitidas pelo passado.” (MARX, 1978, p. 4).

Destacamos ainda o caráter seletivo da História e a inviabilidade de reconstruir o passado em sua totalidade, cabendo a esta área do conhecimento sistematizar o conhecimento acerca do passado, considerando o presente (LE GOFF, 1994, p. 438). Isso porque, mesmo quando há a busca pela reprodução fiel do passado, o que fazemos é, simplesmente, retomar algumas partes dele, que são alteradas pelo presente e sob influência direta de nossos interesses e motivações atuais (HOBSBAWN, 1998, p. 21).

Para realizarmos a construção dessa História, recorreremos diversas vezes à análise das Memórias de sujeitos que estiveram diretamente envolvidos na Campanha. Isso porque, consideramos o caráter individual, mas, também simultaneamente coletivo da Memória, em coerência com as interpretações de Maurice Halbwachs (2006), ao perceber as influências que

---

<sup>1</sup> De acordo com dados fornecidos por Omar Pimenta em entrevista concedida à pesquisadora Maria Elizete C. Guimarães (2000)

uma época, um contexto específico têm sobre as Memórias das pessoas e como estas podem nos auxiliar a compreender períodos históricos. Tais Memórias foram fruto de entrevistas coletadas por outros pesquisadores e também através de livros memorialistas.

Para analisar as práticas educacionais da Campanha “De pé no chão também se aprende a ler”, cremos que a concepção de Educação que melhor nos auxilia é aquela presente na produção de Paulo Freire, pois a partir dela é possível pensar seu caráter transformador, libertador, que foi o que motivou as iniciativas da Campanha. Nesse sentido, Freire (1996, p. 98) nos subsidia ao abordar a Educação como forma de “intervenção no mundo”, mas não qualquer intervenção e sim aquela feita de forma crítica e dialógica, considerando as contradições que nos cercam.

Pensar a Educação, para nós, envolve reflexão política, pois a compreendemos inserida em meio a muitas relações de poder, que na década de 1960, por exemplo, impediram a continuidade das propostas da Campanha e que hoje tentam orientar os rumos das políticas públicas em educação.

Em consonância à nossa perspectiva de Educação, consideramos as práticas da Campanha “De pé no chão” enquanto Educação Popular, tendo em vista que, ainda na perspectiva de Freire (2013), esta seria marcada pela busca por uma Educação para todos e feita com a participação direta da população. A todo o momento, percebemos em nossa revisão bibliográfica e nas entrevistas analisadas, como a população local participou, colaborou e interferiu nas atividades da Campanha. Assim, não era apenas uma proposta de escola “para o povo”, mas com esse mesmo povo e isso nos permite caracterizá-la como uma iniciativa de Educação Popular, o que é ratificado por Vanilda Paiva (2015), ao inseri-la em sua obra sobre Educação Popular no Brasil, mesmo que o faça como uma extensão do MCP do Recife.

E para pensarmos a Educação Popular no contexto da Campanha, faz-se indispensável refletirmos sobre as Relações dialógicas que, inicialmente, percebemos presentes entre os acampamentos da Campanha e a população dos bairros em que eles foram construídos. Isso porque, de acordo com Freire (2013), essas relações são marcadas pelo diálogo, pela horizontalidade e pela capacidade de trocas e interferências entre sujeitos. Elas não pressupõem doações ou imposições de conhecimento, mas sim processos que consideram o saber do outro e que não o diminui ou anula, do contrário, o respeita. Ainda conforme Freire (2015), as Relações Dialógicas consideram o saber do outro e não atua como extensão (estrutura vertical e invasão), mas como comunicação (estrutura horizontal e construção conjunta).

Em meio a tais relações, surge também a necessidade de pensarmos a Cultura e, especificamente, a Cultura Popular, tão presente nos documentos da Campanha e nas memórias daqueles que nela atuaram (conforme percebemos nas entrevistas coletadas por Carvalho, 2000). Para nós, a Cultura é abordada como: “Como parte de este entramado social se assume que todo colectivo humano no solo forma parte de un grupo social, sino que desde que nace se encuentra inmerso en un entorno cultural que influenciará supensar y actuar” (MORALES; SANCHEZ; ZÚÑINGA, 2017, p. 14). Trabalhamos também com a percepção de Burke (2008, p. 43), ao afirmar que a conceituação do termo Cultura tem passado por mudanças nas últimas décadas e ele tem sido cada vez mais usado para: “[...] se referir a uma ampla gama de artefatos (imagens, ferramentas, casas e assim por diante) e práticas (conversar, ler, jogar)”.

Abordamos a Cultura Popular aqui em seu caráter relacionado à manutenção das tradições e costumes, mas sem negar as contradições sociais, nem isolá-la do contexto histórico em que está inserida. Nesse sentido, a Cultura Popular “[...] é rebelde, mas o é em defesa dos costumes.” (THOMPSON, 1998, p. 19). A cultura popular não deve ser vista de modo ingênuo, longe de qualquer influência, como se fosse um espaço sem qualquer relação com o erudito. Contrariamente, a intitulamos popular por resistir entre as camadas populares, sem necessidade do registro escrito, mantidas pela tradição oral. Ao considerarmos o seu caráter plural, o fazemos por compreender que não é unânime, que há diferença entre os modos de fazer masculino e feminino, urbano e rural, dentre tantos outros, conforme nos orienta Peter Burke (2008).

A partir de tais conceituações, que julgamos necessárias a uma melhor compreensão do nosso objeto, realizamos este trabalho, que é um recorte dentro de uma proposição mais ampla.

### **3. Metodologia**

Para a consolidação desta pesquisa, realizamos uma revisão bibliográfica considerando autores clássicos nas discussões sobre a Campanha “De pé no chão também se aprende a ler”, como: José Willington Germano (1982), Moacyr de Góes (1999, 2010) e Djalma Maranhão, em seus dois livros escritos no exílio e organizados por Góes (1999). Além desses, também utilizamos trabalhos acadêmicos que vêm sendo produzidos sobre o tema nos últimos anos, como a importante tese de Maria Elizete G. Carvalho (2000) e dissertações, como a de Isa Paula (2008), e livros recentes, como a obra organizada por Sampaio e Pinheiro

(2015) sobre a Campanha e as 40h de Angicos, dentre outros. Esses trabalhos foram revisados e nos auxiliaram a construir um panorama sobre a Campanha e apontar algumas inquietações.

Paralelo à revisão bibliográfica, realizamos a análise de entrevistas sobre a Campanha realizadas por outros pesquisadores. Dentre as várias entrevistas coletadas, destacamos: os depoimentos transcritos na tese de Maria Elizete G. Carvalho, que contempla organizadores, alunos, pais e professores da Campanha e as entrevistas publicadas pelo NUHMEJA-RN e que apresenta a visão de professores e organizadores ligados à Campanha.

Após a análise das entrevistas, fomos cruzando as informações obtidas na revisão bibliográfica, com aquelas apresentadas pelos depoentes, seguindo a proposta metodológica de Paul Thompson (2002), por ele intitulada de “cruzamento de fontes”.

Feito o cruzamento, conseguimos alcançar alguns resultados preliminares, que serão expostos a seguir. Dizemos preliminares, pois outras entrevistas estão sendo coletadas por nós, a fim de sistematizar melhor alguns pressupostos e conferir algumas hipóteses, que não são objeto direto deste trabalho. O faremos na perspectiva na História Oral, a partir das contribuições metodológicas de Verena Alberti (1990) e José Carlos Bom Meihy (1996).

#### **4. Resultados**

Com o levantamento bibliográfico e seu cruzamento com os dados encontrados nas entrevistas, conseguimos ratificar a ideia de que a cultura popular estava presente no cotidiano dos acampamentos e círculos de cultura da Campanha de forma intencional e a partir de algumas estratégias específicas que serão aqui apresentadas.

Com a educação enquanto meta número 1 de seu mandato, o prefeito Djalma Maranhão construiu sua equipe e passou a elaborar um plano para atender tal demanda. No entanto, as dificuldades financeiras pareciam inviabilizar a solução deste problema e tal realidade foi discutida novamente com os Comitês, de onde saiu a ideia de construir escolas aos moldes das casas de pescadores (GÓES, 2010, p. 89).

A partir de então, começou a ser sistematizada a Campanha “De pé no chão se aprende a ler”, com a intenção de construir galpões de cobertura de palha e chão de terra batida em locais periféricos da cidade do Natal, onde a população mais carente pudesse ser atendida.

A fim de compreender melhor como a Campanha foi pensada, recorreremos aos documentos da época, presentes no livro de memórias do prefeito Djalma Maranhão<sup>2</sup>, e a outras obras e entrevistas coletadas tanto pela pesquisadora Maria Elizete G. Carvalho, aqui citada, como pelo NUHMEJA-RN, núcleo que funciona na UFRN e possui amplo material publicado em seu site sobre as ações voltadas à Memória da Educação de Jovens e Adultos - EJA.

Ao realizarmos a análise da fala de Djalma Maranhão, percebemos a crença dele em transformar a sociedade a partir da educação. A ideia de uma educação que libertaria o povo das desigualdades e injustiças sociais estava muito presente tanto em seus relatos, quanto nos de Moacyr de Góes, que era secretário de educação, em seus dois livros: Campanha “De pé no chão também se aprende a ler” (2010) e O golpe na Educação (1999).

Além de acreditarem na possibilidade de transformação social pela educação, também ressaltavam a necessidade de aproximação ao povo e de construção de uma alternativa educacional junto a essas pessoas. Uma das formas pensadas pela equipe era promoção da educação formal através da cultura popular, pois segundo Góes (1999, p. 19) “O movimento popular não gera um movimento cultural qualquer. Gera, precisamente, um movimento de cultura popular”. Para ele, a educação surgida dentro do movimento popular tinha que ser (muito próximo do que já discutia Paulo Freire à época e ocorria no MCP do Recife) uma educação que pudesse promover a conscientização da população pobre e, nesse sentido, possuía alguns pressupostos que seriam: apenas o povo pode vir a resolver seus problemas; para resolver tais problemas era preciso eliminar suas causas e a principal forma de transformar a sociedade seria a luta.

Dentro dessa perspectiva, Carvalho (2000, p. 163) destaca que o objetivo central daquela Secretaria de Educação era: “[...] vincular aos Acampamentos escolares as organizações populares e lideranças culturais mais expressivas dos bairros em que se localizavam.” Assim, além de promover a educação formal nos acampamentos escolares, a Campanha visava trazer a comunidade local dos bairros em que ela se desenvolvia para dentro dos acampamentos e a forma de realizar tal aproximação foi através da valorização da cultura popular, sobretudo, através de seus festejos e diversas manifestações artísticas.

---

<sup>2</sup> Dois livros de Djalma Maranhão no exílio foram trabalhos organizados pelo seu ex-secretário de Educação, Moacyr de Góes, e publicados juntos, como uma única obra, por ocasião das comemorações do quarto centenário de Natal.

Segundo a professora Margarida de Jesus Cortez<sup>3</sup>, uma das estratégias adotadas na Campanha era ligar vários “equipamentos culturais” aos acampamentos. Um exemplo disso eram as Praças de Cultura construídas próximas a alguns acampamentos e que, segundo a depoente, tinham um objetivo claro: fazer a “[...] ligação entre os Acampamentos e a comunidade porque sempre as pessoas do bairro, principalmente os pais, vinham e visitavam a praça [...]”.

As Praças eram, pois, um espaço coletivo de promoção da Cultura Popular, onde ocorriam festas, exposições, encenações, danças e demais manifestações artísticas e estava aberta a todos que viviam no bairro. Segundo Isa Ribeiro (2008, p. 76), a praça de cultura:

[...] visava democratizar a cultura nos bairros. O trabalho desenvolvido na praça de cultura acontecia articulado à campanha de educação popular *De Pé no Chão Também se aprende a Ler*, mas ocupava espaços específicos, fora do ambiente dos Acampamentos. Acontecia na praça pública. Foi uma idéia trazida do Movimento de Cultura Popular de Recife e implantada em Natal, a partir de 1961.

Desse modo, a comunidade era incentivada a participar da vida cotidiana da escola. E os espaços de cultura eram vários, pensados a partir da Diretoria de Documentação e Cultura, que tinha a frente Mailde P. Galvão. De acordo com Germano (1982, p.96), a Campanha não ficava restrita à construção de escolas e acampamentos escolares, do contrário, ela promoveu a criação de bibliotecas populares, praças de cultura, Centro de Formação de Professores, teatrinho do povo, galeria de arte, dentre outras estruturas, o que “[...] redundou numa organização cultural da cidade, onde o povo participava efetivamente e não apenas assistia como mero espectador”. E tais espaços, eram erguidos em pontos estratégicos da cidade, mas, principalmente, junto aos acampamentos, a fim de incentivar a presença das pessoas na escola.

Mas apenas construir espaços culturais não seria o suficiente. Além dessa estratégia, a Campanha realizava também recreações na escola, que contavam com a presença de pessoas da comunidade, de grupos locais, que voluntariamente levavam danças e folguedos para serem realizados com as crianças e, por vezes, com os familiares também, que eram convidados a participar de algumas recreações através dos círculos de pais e professores.

Germano (1982, p. 121), ressalta que:

---

<sup>3</sup> Em entrevista transcrita na tese de Maria Elizete G. Carvalho (2000).



A recreação ocupava, pois, um lugar de destaque na Campanha De pé no chão também se aprende a ler. Com efeito, nos acampamentos, a recreação era feita regularmente com os alunos e de forma mais ocasional com os pais de alunos, através dos círculos de pais e professore. No que toca à recreação infantil especificamente, pode-se dizer que ela tomava por base, sobretudo, as danças, cantos, jogos, brincadeiras e folguedos populares. Eram as danças e cantigas de roda e outras brincadeiras, como pular corda, academia, isto sem falar no João Redondo, versão potiguar do teatrinho de fantoches, também usado principalmente nas festas escolares.

O autor ainda enfatiza que a recreação auxiliava no combate à evasão e buscava se aproximar do cotidiano das crianças e dos familiares. Além disso, a prefeitura também investia em programas radiofônicos, como extensão da recreação, que cuidavam em divulgar a música popular brasileira e regional, além de levar à população notícias sobre o andamento da Campanha. Havia já ali uma preocupação em garantir apoio popular e utilizavam a mídia como mais um instrumento para alcançá-lo.

Outra iniciativa que teve boa adesão da comunidade foi a construção de bibliotecas e postos de empréstimo volantes. Nesses espaços, também associados aos acampamentos, tanto os alunos, quanto a população do bairro, podiam ter acesso a obras literárias, que eram cuidadas pela comunidade tanto que “[...] eram controlados e não havia desaparecimento de livros”, conforme afirmou a professora Margarida J. Cortez<sup>4</sup>.

As festas promovidas pela prefeitura, considerando os festejos populares, também ocorriam em paralelo às atividades da Campanha. A professora Diana Rodrigues<sup>5</sup>, que atuava num galpão na Vila de Ponta Negra, afirmava que eram comuns festas com “[...] o boi de rei, o pastoril[...]”. O professor Omar Pimenta<sup>6</sup> também ressaltou o incentivo às manifestações artísticas da Cultura Popular. Segundo ele, “Mailde era Diretora de Documentação e Cultura, os movimentos folclóricos estavam ligados à cultura... pastoris, boi calenga, de tudo tinha aqui... os congos de saiotes na Vila de Ponta Negra... nas Rocas, tinha o pastoril”.

Além dos espaços específicos pensados e construídos para valorização das manifestações artísticas, houve também, a partir de 1963, a sistematização da Educação de Jovens e Adultos considerando a Cultura Popular, com o início das atividades dos Círculos de Cultura. Estes espaços eram voltados à alfabetização, mas iam, além disso, por fazê-lo de forma crítica, propondo problematizações e tendo como marca fundamental a valorização da

---

<sup>4</sup> Em entrevista realizada por Maria Elizete G. Carvalho (2000).

<sup>5</sup> Ibidem.

<sup>6</sup> Ibidem.

Cultura Popular, entendida enquanto cotidiano, hábitos e costumes daquelas pessoas, daquelas comunidades em que os Círculos existiram.

Os cinco Círculos de Cultura, iniciados em 1963, utilizavam o Sistema Paulo Freire de ensino e seus professores eram, em sua maioria, estudantes universitários que receberam formação da equipe de Paulo Freire, como afirmam Cabral e Sampaio (2015, p. 81) ao explicar a escolha de um desses professores para participar da formação:

[...] era estudante do ensino superior e com formação política oriunda dos debates dos movimentos de jovens da Igreja Católica e do movimento estudantil. Por esse motivo foi um dos escolhidos para participar do mesmo curso de formação oferecido por Paulo Freire aos estudantes universitários que atuaram como professores nas *40h de Angicos*, que propunha uma educação politizada, emancipatória e baseada no diálogo e nos conhecimentos e cultura dos educandos, com uma metodologia de alfabetização contextualizada.

Nos Círculos de Cultura, houve a ampliação das relações horizontais, dos debates sobre questões sociais relevantes aos alunos e principalmente a busca por conhecer a cultura popular e utilizá-la para promover a alfabetização. Isto era possível, pois trabalhavam com a proposta freiriana de temas geradores, escolhidos através da pesquisa vocabular com a população local. A partir daí, se problematizava um tema, ele era refletido, discutido e depois as palavras geradoras eram trabalhadas, não apenas em sua escrita e fonética, mas também, e principalmente, em seus significados. A intenção era não somente ensinar a ler e escrever, mas fazê-los de forma crítica, com vistas à emancipação de uma população oprimida.

Em nossa concepção, o uso do Sistema Paulo Freire de ensino dialogava bem com a proposta da Campanha, pois o conceito de Cultura em ambos estava muito próximo e a proposta metodológica freiriana atendia à expectativa de uma educação que visava a transformação social, como era anseio dos idealizadores da Campanha desde o início. Apesar disso, a proposta ficou restrita aos Círculos de Cultura e não alcançou, por exemplo, os acampamentos escolares, ou as escolinhas, que mantiveram um ensino mais tradicional. Isso porque, segundo Cabral e Sampaio (2015, p. 81), pouco tempo após a implementação dos Círculos de Cultura houve o Golpe Militar de 1964, que inviabilizou tal expansão.

Com o Golpe Militar de 1964, não apenas os Círculos de Leitura, mas todas as atividades da Campanha foram encerradas. Inquéritos civis e militares foram iniciados, os líderes da Campanha indiciados e presos, e seus materiais, documentos e parte da

infraestrutura foram destruídos. Desse modo, teve fim uma das mais importantes propostas de democratização da Educação formal durante o século XX em Natal.

## **5. Considerações finais**

Esta pesquisa buscou sinalizar para as estratégias de educação utilizadas pela Campanha “De pé no chão também se aprende a ler” através da valorização da cultura popular. Longe de esgotar o tema, o presente estudo permite suscitar o anseio pelo seu aprofundamento e pela construção de novas fontes históricas que viabilizem uma compreensão ainda mais sistematizada sobre o assunto.

Percebemos no decorrer da pesquisa que muitas estratégias foram utilizadas visando a promoção da educação pela cultura popular. São exemplos dessas estratégias: a construção de Praças de Cultura, nas quais eram realizados debates sobre temas de relevância social e ocorriam apresentações artísticas de danças e folguedos próprios da comunidade, muitas vezes apresentados por alunos dos acampamentos; a recreação escolar, que em vários momentos contava com a participação dos mestres de manifestações artísticas locais e, principalmente, os círculos de cultura, que alfabetizavam a partir do Sistema Paulo Freire, fazendo uso das palavras e temas geradores, próprios da cultura popular, presente nos bairros em que foram desenvolvidos.

É necessário ressaltar ainda que a partir da cultura popular era possível aproximar a comunidade local à escola. Nesse sentido, as Praças de Cultura, bibliotecas e teatrinhos garantiam tal contato. Além disso, houve a possibilidade de educar considerando os valores, as manifestações artísticas e o vocabulário da população local.

Do ponto de vista social, traremos com este trabalho a reflexão sobre a possibilidade de sucesso de estratégias de educação popular, instigando o pensar sobre a viabilidade de propostas de educação voltadas ao povo. Além disso, abordar a participação de pessoas simples naquele processo de educação poderá motivar a busca por uma educação mais participativa e democrática na atualidade, considerando sempre as diferenças de contexto histórico e evitando possíveis anacronismos.

Compreender que fatores garantiu o êxito da Campanha e qual o papel da cultura popular nisso tudo, nos permite pensar também o que motiva o insucesso escolar em muitas realidades da contemporaneidade. Temos clareza de que o contexto social, econômico, histórico e político é outro, mas algumas características presentes na Campanha podem nos servir de reflexão para pensar o presente e perceber de que forma a comunidade tem

participado da escola hoje em dia e em que medida isso poderia interferir nos caminhos que a educação escolar tem percorrido.

Um caminho possível para a ampliação dessas discussões nos parece ser através das Memórias dos que participaram da Campanha. Daí porque, os próximos passos, da pesquisa mais ampla em que nos inserimos, passam pela coleta, transcrição e análise de novas entrevistas, fazendo uso da História Oral. Nossa intenção é retomar também as Memórias dos alunos que estudaram nos acampamentos escolares, percebendo o que lhes marcou e como aquela iniciativa interferiu em suas vidas e modificou o cotidiano do local em que viviam.

Pensar a Campanha, suas iniciativas, estratégias e possibilidades através das Memórias dos envolvidos é uma atividade que nos permitirá refletir acerca do quanto a comunidade local participou, dialogou e se inseriu na Campanha. Nesse sentido, a conclusão deste trabalho marca, na verdade, o início de uma nova etapa de nossa pesquisa.

## **Referências**

ALBERTI, Verena. **História oral e experiência do CPDOC**. Rio de Janeiro: FGV, 1990.

BLOCH, Marc. **Apologia da História – ou o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BURKE, Peter. **O que é História Cultural?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

CABRAL, A. O.; SAMPAIO, M. N. O material didático na educação de jovens e adultos na “Campanha de pé no chão também se aprende a ler”. In: SAMPAIO, M. N.; PINHEIRO, R. A. **40h de Angicos e Campanha de pé no chão também se aprende a ler**. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2014.

CARVALHO, Maria Elizete Guimarães. **Memórias da campanha “De pé no chão também se aprende a ler”**: 1961-1964 (o testemunho dos participantes). Tese (Doutorado em Educação). UFRN, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou Comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

GERMANO, José Willington. **Lendo e aprendendo**: a campanha De pé no chão. São Paulo: Cortez, 1982.

GÓES, Moacyr. **De pé no chão também se aprende a ler (1961-1964)**, uma escola democrática. Natal: Palumbo, 3 ed., 2010.

GÓES, Moacyr; CUNHA; Luiz Antônio. **O golpe na educação**. Rio de Janeiro: Jorge Zhar Ed., 1999.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Vértices, 2006.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. São Paulo: Unicamp, 1994.

MARX, Karl. **O 18 do Brumário de Luís Bonaparte**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom (org.). (Re)**Introduzindo a história oral no Brasil**. São Paulo: Xamã, 1996.

MORALES, M.; SÁNCHEZ, J.; ZÚÑINGA, G.. **Atisbos para la pertinencia cultural: El saber pedagógico de un docente indígena cabécar**. Research, Society and Development, Ahead of Print, 2017. <https://rsd.unifei.edu.br/index.php/rsd/article/viewFile/113/98>. Acesso em: 30 jul 2017.

RIBEIRO, Isa Paula Zacarias. **As praças de cultura no governo Djalma Maranhão**. Dissertação (Mestrado em História e Espaços). UFRN, 2008.

SOARES, L.; GALVÃO, A. M. Uma história da alfabetização de adultos no Brasil. In: STEPHANOU, M.; BASTOS, M. H. C. **Histórias e Memórias da Educação no Brasil**. Vol. 3 – Século XX. Petrópolis: Vozes, 2011.

THOMPSON, E. P. **Costumes em comum**. São Paulo: Companhia das letras, 1998.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.